

GILDO DANTAS DE SOUZA

O SERTÃO DE OUTRORA



- 2013 -

## O SERTÃO DE OUTRORA

A vida aqui no Sertão  
Não é como antigamente,  
Não existia tristeza,  
O povo era contente  
E eu vivia feliz  
No meio daquela gente.

O dia era tranquilo,  
E a noite aconchegante  
E quando a Lua surgia  
Parecia um diamante;  
Bordavam o Céu as estrêlas  
Era o Sol mais rediante.

E o chefe de família  
Era muito respeitad@;  
Nãe se falava em divórcio,  
Todo mundo era casado,  
Para sempre o matrimônio  
Era um processo sagrado.

Vivia pra sua gente  
Trabalhando o dia inteiro,  
Pra que nunca lhe faltasse  
Saúde, paz e dinheiro  
Pra nos dias feriados  
Descansar como um guerreiro.

E sentado no alpendre  
Lembrando a vida saudosa,  
Tomando uma catuaba  
Com a branquinha gostosa,  
E feliz com os amigos,  
Batendo um dedo de prosa...

Alí a vida passava  
De forma mansa e serena,  
Revendo Estórias antigas  
De bravura ou coisa anona  
Que ficaram na memória  
E só lembrar vale a pena.

A mulher dona de casa  
Que também era receira,  
As vezes desempenhava  
O ofício de parteira,  
Quando não era famosa  
Como boa benzedeira...

Levava a vida tranquila  
Nos costumes de outrora;  
Cuidando de sua casa,  
Não trabalhava pra fora,  
Era tudo diferente  
De como se vive agora...

E a joven sertaneja,  
Em seu vestido de chita,  
Com sapatina anabela  
Para ficar mais bonita,  
Botava flôr nos cabelos  
Ou então laço de fita.

E nas festas caipiras  
Ela espalhava beleza  
Com um sorriso maroto,  
Em toda sua grandeza  
De albor da mocidade,  
Cheia de casta pureza.

A sorrir ingenuamente  
Com toda simplicidade,  
Mostrando ar de criança  
Na sua felicidade,  
Brejeira, meiga e singela  
Nos senhos da mocidade...

Os rapazes, nem se fala,  
Gostavam de namorar;  
Iam todos arrumados  
Para a festa popular  
E com os amigos buscava  
Um grande amor encontrar...

Farreavam a noite inteira  
Em um clima de harmonia,  
Não havia contratempo  
Alí tudo era alegria,  
Muito calma e diferente:  
Dos costumes de hoje em dia.

Todo mundo namorava  
Perém com muito respeito,  
No entanto, atualmente  
Pra e namora, ser perfeito  
É tanta pouca vergonha  
Que deixa a gente sem jeito.

E contemplando o futuro  
Com persistência e tino,  
A juventude se arrasta  
Na busca de seu destino,  
Enquanto o velho recorda  
O seu tempo de menino...

Era assim que se vivia  
Com prazer e animação,  
Sem malícia e sem maldade,  
Sem rancor no coração;  
Era mais um paraíso  
viver aqui no Sertão.

Ninguém tinha privações,  
Pra todos nada faltava,  
Trabalhava o ano inteiro  
Nas terras que cultivava  
Colhendo pra seu sustento,  
Vendendo o que lhe sebrava.

A fé embala essa gente  
Tão cheia de devoção,  
Rezam e cantam ladainhas  
Na fila da procissão  
Contrita e pesarosa  
Batendo no coração...

Mas também sua credence  
Carece de explicação,  
Acreditam em fantásmas  
Nas noites de escuridão  
E em todos os duendes  
Que povoam a solidão...

E esta forma pacata  
Do sertanejo viver,  
É mera simplicidade  
E tudo tem a haver  
Com tradições e costumes  
De sua forma de ser.



A palavra de um homem  
É questão de entendimento;  
Um cabelo do bigode  
Valia por documento;  
O que foi dito, tá dito  
Não tinha mais argumento...

E assim, homens famosos  
Alcançaram alguma glória,  
E entre muitos percalços  
Se não tiveram vitória,  
Ao menos deixaram escritos  
Os seus nomes na História.

Assim vamos lembrar  
Virgulino - O Capitão;  
Justiceiro e vingativo,  
Alcunhado "Lampião";  
Que levava desespero  
Para toda região.

Viveu também no Sertão  
O Antonio Conselheiro;  
Era um psicopata,  
Revoltoso e desordeiro  
E assemblou em Canudos  
Todo o povo brasileiro.

Haviam ainda os vaqueiros  
Que nos tempos de estio  
Recolhiam os rebanhos,  
Pegando touro bravo,  
Que pra todos era festa  
Enfrentar o desafio.

Não importa o que eles foram  
Nessa luta desigual;  
Enfrentando a natureza,  
Peis tudo isso afinal  
É o homem sertanejo  
Buscando seu ideal...

E se falando em doença  
Medicamento existia;  
Remédio pra curar dores  
Ou então pra simpatia,  
Era melhor do que todos  
Vendidos na drogaria.

Tinha remédio pra tudo,  
Com efeito verdadeiro;  
Dor de dente se curava  
Com gelda de cajueiro  
E pra febre intermitente  
Tinha o chá de sabugueiro.

Como desinflamatório  
A folha da baboseira;  
Para curar mal estar  
O chá de Erva-Cidreira  
E para prisão de ventre  
O óleo da mamoneira.

Havia até resadores  
Que trabalhavam em conjunto  
Com alguns dos curandeiros  
Que juravam de pé junto  
Que as suas garrafadas  
Levantavam até defunto.

Assim a vida passava  
Naquele mundo pacato,  
Onde tudo era essência  
E bem difícil de fato,  
Porém remédio sobrava  
Era só pegar no mato...

Não se falava em discórdia,  
Era perfeita a união  
Que gozava aquela gente  
Lá nas plagas do Sertão  
Ajudando uns aos outros  
Com grande satisfação.

Não havia rico ou pobre,  
Todo mundo era igual  
Diante d'uma emergência  
A ajuda era geral,  
Ser amigo e solidário  
Era a meta principal.

Sempre estavam reunidos  
Numa taipa ou mutirão,  
Na despalha, farinhaada  
Ou arranca de feijão,  
Todos ali acorriam  
Com gosto e disposição.

Entre as famílias vizinhas  
Reinava muita amizade;  
Quando não eram compadres  
Eram amigos de verdade,  
Se tratavam cortezmente  
Com respeito e lealdade.

As festas de aniversários,  
Casamento ou batizado...  
Era um acontecimento  
Há muito tempo esperado  
E não ficava ninguém  
Que não fosse convidado.

E esse conagraçamento  
Daquela gente modesta,  
Era um antigo costume,  
Tudo acabava em festa;  
Porém hoje é diferente,  
Só lembrança é que nos resta.

A crença em Deus era grande  
Alí naquele lugar;  
Todos gostavam de missa  
Onde iam pra rezar  
E faziam suas preces  
À noite quando ao deitar...

Mas tudo isso acabou,  
Já são coisas do passado;  
Se assim alguém procede  
Fica logo censurado,  
E todos ficam dizendo,  
É um cara ultrapassado.

Se hoje vive contente  
Ou saudoso, não importa,  
Quando me volto ao passado  
Daquela vida remota,  
Rememorando lembranças  
Batendo na minha porta.

Assim me sinto feliz  
Em essas coisas contar,  
Nos meus versos de Cordel  
sem a verdade ocultar,  
Pois outras coisas existem  
Que ainda vou contar.

Mas tudo isso que lembro,  
Que me dá satisfação,  
São sonhos e fantasias,  
Quimera e fascinação ;  
São coisas que existiram  
Somente lá no Sertão!...

São Cristóvão-Se., 01.09.13.